

As pastorinhas que não vi

Rosa Assis¹

Fazer comentários sobre as pastorinhas, em especial porque não as assisti, parece estranho. Mesmo assim, vou tentar *encenar* alguns observações sobre os presépios e as pastorinhas, fruto de recordações guardadas na memória e hoje retiradas para, subjetivamente, registrá-las neste artigo. Mesmo tendo dito que vou fazer uma leitura nos arquivos de minha memória, não posso deixar de lembrar aqui as mais recentes informações que colhi e que por certo muito contribuíram para que eu entendesse o que são as pastorinhas, ou a Pastoral das pastorinhas, ou um auto-natalino, ou ainda mais uma opereta popular. Assim, divido este *escrito* em três atos - abertura, recordação e final.

Na abertura, destaco o sério, profundo, rico e valioso trabalho de pesquisa científica, documental e bibliográfica acerca dos teatros em Belém do Pará, desenvolvido no livro *Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época*, de Vicente Salles². Nos dois volumes dessa grande obra, o autor enriquece o nosso conhecimento com um vasto e valioso material sobre o teatro paraense — (mais precisamente sobre as pastorinhas, no capítulo intitulado “Época dos folguedos natalinos”³). Somente um escritor com o conhecimento histórico associado à sensibilidade estética poderia nos apresentar os mais simples e os mais sofisticados palcos da antiga Belém do Grão Pará; só Vicente Salles nos relataria o sem-número de teatros populares que atuaram em nosso chão, com toques locais e internacionais. Oportuno é registrar de que maneira Vicente Salles pintou esse quadro: *Duas linhas começam a se distinguir: a do pastoril que tende a absorver os recursos mais sofisticados da ópera e da opereta, produzidos por libretistas consumados, como Severiano Silva, “o príncipe dos poetas paraenses” e músicos de formação nos conservatórios europeus, como Alípio César*⁴. Assim, conhecemos os grupos pastoris mais famosos, com seus idealizadores, seu *corpo de baile*, suas músicas, suas vestes, seus adereços, ainda mais com seus endereços e suas premiações. Ler os “Tablados natalinos” é remontar ao ano de 1788, ou de 1854 e caminhar... caminhar... e aprender tudo aquilo que este mestre dos arquivos pesquisou, documentou, registrou e fartamente nos ensinou⁵.

Num segundo momento, abro as *cortinas* para outro título, este de Carlos Moura, verdadeira obra de arte, voltado também para a mesma temática, o teatro popular. É *O teatro que o povo cria*⁶, que, a exemplo do autor de *O negro no Pará*, nos mostrou com precisão e seriedade o teatro popular paraense. Essas obras se complementam, se completam, por isso mesmo é que Carlos Moura entregou à pena de Vicente Salles a apresentação da obra que escrevera como tese de

doutoramento. A grandiosidade desta obra foi muito bem traduzida por Salles ao intitular a sua apresentação de “Teatro popular paraense: uma revoada de pássaros”.

Encerro este primeiro ato dizendo a Vicente Salles e a Carlos Moura apenas *Bravo! Bravo! Bravo!*

Passemos para outro momento, que é o da recordação — em minha casa, como em tantas outras, havia também um presépio, *religiosamente* montado a várias mãos na época de Natal, a começar pelas mãos de mamãe Celina e de tia Anita, e por todas as outras mãos infantis de meus inúmeros irmãos. Assim, tantas mãos e tantos irmãos misturavam-se na mesma festa, cumprindo um ritual, um auto, o de conduzirem cada uma das figuras para a montagem do presépio, figuras quase sempre minúsculas e leves, mas que àquela altura carregam o peso do encantamento que sentíamos na alma mais que no tato.

Não sabíamos — e nem precisava, é claro! — que o presépio havia sido criado por São Francisco de Assis, em 1200, com a finalidade de encenar, representar o nascimento do Menino Jesus. Sabíamos, apenas, que se aproximava o dia de Papai-Noel, uma vez que os presépios eram armados nesta época do ano, entre os dias 20 e 24 de dezembro, portanto, nas vésperas das festas natalinas. Somente no dia 7 de janeiro eram desmontados, quando já havia passado o dia de Reis (hoje não mais feriado), anunciando simbolicamente que o Natal consumara-se mais uma vez, carregando consigo o mistério e a magia que embalavam as noites do fim de ano.

Os presépios reuniam inúmeros *personagens e figurantes*, para nós todos Santos, fossem José, Maria, o pequeno Jesus ou o Anjo da Anunciação ou ainda os Reis Magos — a morte do último encantamento foi descobrir, já adulta, que não eram reis nem santos, mas *mágicos*, homens que sabiam entender as estrelas... E lá estavam eles postados, lado a lado, no cenário pastoril do presépio, levando as oferendas ao Menino Jesus. Eram Gaspar, Belchior e Baltazar com seu incenso, por considerarem o Menino Jesus como Deus; o ouro, por lhe reconhecerem como rei, e também a mirra, por admitirem que só os nobres eram ungidos com o fino óleo. Além desses adivinhos, digamos assim, havia ainda

1 Rosa Assis é doutora em Língua Portuguesa. Professora dos Cursos de Letras e Comunicação Social da UNAMA- Universidade da Amazônia

2 SALLES, Vicente. *Épocas do teatro no Grão-Pará*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1994, 2 t.

3 Id., ib., t. 2, pp. 308-317.

4 Id., ib., p. 325.

5 Id., ib., pp. 318-341.

6 MOURA, Carlos Marcondes de. *O teatro que o povo cria*. Belém, Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

os animais que completavam o cenário pastoril, bucólico do presépio: carneiros e ovelhas agrupados à volta de seus pastores, já simbolizando a metáfora do cordeiro de Deus. Mais tarde novos *figurantes* se incorporaram ao presépio, como o carregador de água e o guardião da entrada da manjedoura, assim como outros animais que compunham a paisagem ao mesmo tempo humilde e familiar da natividade, como a vaca, o cavalo, o cachorro...

Os personagens e as figuras que representavam o mistério do Natal ali estavam, no presépio, imóveis, mas ao mesmo tempo *movimentavam-se*, tinham *vida*, e assim exigia a recriação do mistério do Natal. Era preciso que os Reis Magos seguissem a estrela de Belém: era preciso que os pastores seguissem pela noite rumo à estrebaria onde viera ao mundo o Menino Jesus. Novamente as nossas mãos guiavam os passos daquelas figuras santificadas e dos pequenos animais que compunham o cenário do Natal.

Nosso presépio ficava na varanda de nossa casa, aliás local preferido, em todas as casas para se montar os presépios de antigamente. Era a varanda, na geografia das residências de então, o lugar do convívio, da sociabilidade familiar, e assim o lugar por excelência para o cenário do Natal, as sagração da família. Também nas igrejas montavam-se presépios, sempre muito visitados pelos paroquianos: lembro que o então padre Miguel Inácio, já há muito falecido, armava um grande presépio na Igreja da Trindade, razão de visitas, motivo de deslumbramento da infância.

As visitas a residências particulares ou a igrejas tanto podiam ser feitas por fiéis como por grupos festivos, como era o caso do grupo das pastorinhas que se apresentavam para saudar o Menino Jesus. Ora, essas visitas terminavam em representações, tanto nas residências como nas igrejas, como já se registrou. Esta tradição perdurou por muitos anos, e, no caso das pastorinhas, assim que o grupo chegava, logo se instava na frente dos presépios e começava a encenação de uma verdadeira peça teatral, com danças, cantos, declamações, louvações para festejar o nascimento do Menino Jesus. Isso era o comum, o habitual, porquanto havia também grupos de pastorinhas que representavam apenas nas próprias residências de onde eram formadas, no caso, em meio a famílias que tinham posses. O cordão das pastorinhas, assim constituído, era estritamente familiar.

A tradição do presépio foi esmaecendo, da mesma forma que os grupos de pastorinhas, mais tarde, criaram *asas angelicais* e voaram para os seus próprios *ninhos*. Surgem, assim, os primeiros, digamos, palcos simples, rústicos, de chão batido, ao ar livre, muitas vezes em tablados. Desta feita, as pastorinhas não mais se oferecem, mas são convidadas para louvarem o Menino Jesus, ao mesmo tempo que convidam o povo para as assistirem as suas encenações, já em lugares mais espaçosos, a céu aberto.

Lembra-nos ainda Vicente Salles, “que o desenvolvimento econômico da Amazônia, acelerado na segunda metade do século XIX, propiciou a transformação dos folguedos populares, afetando o pastoril”⁷. Assim, as pastorinhas passaram a percorrer os bairros mais afastados do centro da cidade e se refugiar na periferia. Era talvez o *campo*, o pastoril

que as atraía, já que praticamente haviam abandonado as igrejas e outros espaços do centros da cidade.

Chamamos atenção para um fato até certo ponto curioso: a variável composição numérica dos participantes. Não havia um número fechado de *artistas*, já que quanto mais gente os compunha, mais movimento havia, e logo e espontaneamente se criava um clima de *ópera-popular*, com muito colorido, movimento e arrumação, sem contar que as músicas contribuíam para esse clima teatral, porquanto, quase sempre, eram trechos de óperas ou mesmo de melodias clássicas.

Não havia, como já referi um número exato de figurantes; há autores que arrolam como personagens dos grupos: a Estrela, a Lua, o Anjo Anunciante, a Pastora guia, o Pastor guia, a Pastora perdida, a Pastora da montanha, a Cigana rica, a Cigana pobre, e mais um casal de galegos e uma espanhola, sem contar com 10 a 12 pastorinhas misturadas no cenário.

Neste elenco variado é curioso observar a presença dos galegos. O fato é que esses galegos entravam em cena e quebravam de alguma forma a harmonia das *festas*, pelo barulho, pelos diálogos chulos, pelas expressões vulgares, mas que de qualquer forma agradava a uns e outros, por também cantarem trechos engraçados.

Há também em outro cordão a presença de outros figurantes como a Estrela D’Alva, a Aurora, a florista, esta sempre bem destacada, pois chegava perfumando o ambiente, completando o cenário campestre, com suas rosas, seus bogaris, suas açucenas, seus cravos e seus manjeiricões.

Feitos esses comentários gerais e superficiais, finalmente chego ao terceiro ato, o do encerramento, fazendo referência à figura singular de Tó Teixeira, antigo encadernador, violonista e professor de gerações e gerações de músicos, e ainda mais *pastor* das pastorinhas, não só por tradição como por paixão — *Logo que cresci mais um pouquinho, ainda criança, já fui colocado no papel de pastor, do grupo que minha madrinha e minha avó mantinham, as Briosas*⁸. Esse mesmo Tó, ao descrever o espetáculo das pastorinhas, acabou me ensinando, na prática, a montar o espetáculo, a assistir os ensaios, a presenciar a grande festa, com os convidados chegando e sentando hierarquicamente, segundo as condições sociais, a conhecer as vestimentas e o que elas simbolizavam, até mesmo chegar ao final da festa de Natal e queimar as palhinhas, e desmanchar o presépio.

Mais tarde, Tó Teixeira, junto com seu pai, cria as Briosinhas de Belém, outro grupo de pastorinhas, uma vez que as primeiras — as Briosas — haviam se desmanchado. É novamente Vicente Salles quem registra em seu livro esse novo grupo. “Briosinhas por ser um grupo pastoril modesto, e por assim dizer vitorioso, está funcionando à rua Domingos Marreiros, no. 30, onde, durante a quadra atual, vem se fazendo ouvir, salientado-se, pela maviosa voz que possui, a Cigana Rica. Composto de gentis meninas, o referido grupo representa a interessante comédia *Reminiscências*, entre o som de harmoniosas músicas”⁹

Dito tudo isso, posso até afirmar que só passei a

7 SALLES, Vicente, cit. p. 318.

8 AS PASTORINHAS na lembrança de Tó Teixeira. Belém, O Liberal, 25 de dezembro de 1976.

9 SALLES, Vicente, cit. p. 338.

visualizar as pastorinhas que não vi depois que tomei conhecimento do seu enredo em Vicente Salles e da sua detalhada descrição feita por Tó Teixeira, ele mesmo um criador do folguedo e animador da sua encenação. Enfim, quadros de uma Belém antiga e já ausente.

Bibliografia

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria**. Belém, SECULT/PA, 1997. 404 p.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou apresentação do teatro de época**. Belém, UFPA, 1994. 2 tomos. 551 p.

SILVA, Armando Bordalo da. **Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona Bragantina**. Belém, Falangola, 1981. 93 p.

AS PASTORINHAS na lembrança de Tó Teixeira. Belém, O Liberal, 25 de dezembro, 1976, p.18



O Presépio no desenho de Percy Lau